

Fechamento de quadras causa

30 controvérsia

Promete ser boa a briga entre o presidente da seção DF do Instituto dos Arquitetos do Brasil, José Roberto Bassul, e o candidato a deputado distrital Eraldo Alves, autor do projeto Viva Melhor, pelo qual pretende incluir, na futura Lei Orgânica do Distrito Federal, o direito de as pessoas transformarem as superquadras em condomínios fechados.

Em matéria publicada terça-feira no **CORREIO BRASILIENSE**, Bassul criticou Eraldo Alves, a quem acusou de antisocial, discriminador e elitista, dizendo que o "homem da cerca não entende nada de Direito e, muito menos, de Arquitetura." A resposta de Eraldo veio imediatamente:

"Nós dois estivemos em um debate ao vivo, dias atrás, no programa 'Cidade', da TV Brasília. Está tudo gravado, para quem quiser confirmar. Bassul alegou que qualquer proposta de mudança no Plano Urbanístico de Brasília seria tarefa para um deputado federal, e não distrital. E que, por isso, eu estava com um proposta equivocada. Fiz ver a ele que as leis do Distrito Federal são da alçada do Congresso, sim, mas só até que seja eleita a Câmara Legislativa do DF — e que, a partir daí, os legisladores serão os 24 deputados eleitos pelo povo".

FALTAM PROJETOS

Mas esta querela extrapola o aspecto puramente jurídico. Na opinião de Eraldo Alves, a postura de Bassul demonstra um total desconhecimento, não somente da lei, que ele toma a seu favor, como também do projeto, que ele põe como objeto de crítica: "Ele incorre duas vezes, no mesmo erro, ao repetir os artigos 38 e 40 da Constituição. É óbvio que as leis federais continuam sob o crivo do Congresso, e sei disso muito bem. Mas acontece que estou propondo a inclusão do meu projeto na futura Lei Orgânica, que somente será feita após as eleições de 3 de outubro, quando o Plano Urbanístico deixará de ser uma atribuição do Congresso, e passará a ser do Legislativo. Bassul fingiu ignorar esse detalhe e, ao discordar do meu projeto, acabou concordando com ele, demonstrando, aí sim, desconhecer a lei. E, como arquiteto, lhe faltam projetos como o deste leigo candidato".

Bassul, na reportagem de terça, disse que cercar as quadras seria uma espécie de *apartheid*. Eraldo não faz por menos: "Ele não sabe o que é *apartheid*. Não leu no Aurélio, o sempre útil 'pai dos burros', que, na página 74, explica que *apartheid* significa 'separação ou segregação de raça negra e dos mestiços'. De um lado, os brancos (ricos ou pobres), e do outro, os negros miseráveis ou não. O projeto Viva Melhor não propõe proibir a circulação dos brasilienses pelas superquadras. Ao contrário, pretende impedir a circulação de estupradores, aliciadores de crianças, traficantes de drogas e ladrões de carros e de toca-fitas. Quer acabar com a circulação dos criminosos à porta da casa dele próprio, Bassul, e de todos os que vivem no Distrito Federal".

SEMPRE "NÃO"

Eraldo Alves quer que o presidente do IAB-DF leia o projeto Viva Melhor, mas que o faça por completo, e não aos pedaços, como fez com a Constituição: "Não entendo de arquitetura, mas não sou como ele e muitos de seus colegas, aqui, de Brasília, que são impedidos de exercer a profissão por esta verdadeira ditadura do 'não pode'. Bassul e seus pares não têm o direito sagrado de projetar palácios, nem mesmo um esboço sequer, sem o 'sim' de Oscar Niemeyer. Que sempre diz 'não', e pronto. Os palácios são prerrogativas de Niemeyer, e os outros arquitetos, que vivem aqui e cresceram com a cidade — têm que conformar-se com as migalhas".

O candidato faz um convite ao arquiteto: "Melhor faria o Bassul se desse uma volta pelo Distrito Federal, e visse as quadras do Guará, do Núcleo Bandeirante e de Taguatinga, só para citar alguns exemplos. Quase todas essas quadras são cercadas pelos moradores, mesmo à revelia de uma lei que pretende mudar. São locais fechados, onde as pessoas, a exemplo da Octogonal, sentem-se seguras em deixar que os filhos brinquem na quadra. Essa situação, ideal mas fora da lei, é que meu projeto, se Deus quiser, irá legalizar. A vida continua, Brasília também — e nem mesmo Niemeyer, que eu respeito, pode se considerar eterno".